

## Compreensão de Metáforas: Aprendizagem ou Aquisição?

R. S. Monteiro – UFC

---

*E*ste trabalho é o resultado de uma investigação da compreensão das metáforas em português, por um falante não nativo. Trata-se de um estudo de caso, que teve por sujeito, um jovem grego de vinte quatro anos, engenheiro civil recém-formado, com um tempo de permanência no Brasil de quatro meses, até a data da pesquisa.

Interessava-me principalmente, a natureza dos fatores envolvidos no processo de compreensão de metáforas. Em outras palavras, se a compreensão era efetivada devido à assimilação natural dos conteúdos metafóricos, decorrentes principalmente da exposição a contextos lingüísticos dos quais eles façam parte. Ou se a compreensão baseava-se primordialmente em decorrência da aprendizagem sistemática do significado das metáforas apresentadas.

Por uma questão operacional selecionei expressões metafóricas presentes em ditos populares e algumas referentes à linguagem, especificamente convenções da escrita que são largamente usadas em sentido metafórico como por exemplo: "homem com h"; "pingos nos is"; "abrir um parêntese", etc.

A *metáfora* é aqui considerada como uma figura de linguagem na qual está implicada uma comparação ou similaridade, nas palavras de Searle (1979) representa uma classe de expressões lingüísticas que dizem uma coisa mas significam outra. Searle lembra ainda que a metáfora envolve uma oposição verbal ou interação entre conteúdos semânticos distintos.

Do ponto de vista estritamente lingüístico a metáfora pode ser definida como um fenômeno que consiste em apresentar um ser ou uma idéia explicitada por um nome "X", através de outro ou de

expressão "Y", sem que entre os dois exista necessariamente uma relação de conformidade ou analogia. Entretanto, exemplificado com a forma tradicional "X é Y" (ex. Esta moça é uma flor.) verifica-se que o termo metafórico "Y", neste caso "flor", está no lugar de outro que se poderia chamar de "Z" subjacente a "X" no caso "singela."

Pontes (1990) considera o processo de compreensão de metáforas como um processo de associações imagéticas ou verbais, por analogia, que constitui um verdadeiro exercício do pensamento analógico e criativo. Tais associações, segundo ela, exigem de um professor habilidade e conhecimento para serem trabalhadas de uma forma adequada.

Ao considerar o papel do professor a autora nos remete ao ensino/aprendizagem no contexto de sala de aula, no qual a metáfora assim como a linguagem figurada em geral, é tão pouco trabalhada no ensino da língua: "[...] ao serem relegados esses fenômenos a um segundo plano, juntamente com eles estão sendo relegados também os potenciais de criatividade, de invenção e fantasia do homem, que acabam não tendo espaço no ensino de língua materna" (p. 118)

Cheguei a mesma conclusão que Pontes em um estudo realizado com livros didáticos de Língua Portuguesa,<sup>1</sup> no qual pude perceber que os exercícios de compreensão do texto limitavam-se a perguntas localizadoras, cujo enfoque é apenas o sentido literal. Mas com tantas dúvidas acerca do processo e do produto de interpretação de textos figurados, é perfeitamente compreensível que o professor de língua materna prefira seguir as propostas dirigidas de compreensão de texto do livro didático, ao invés da proposição de uma discussão livre do texto, por exemplo.

A análise da metáfora como fenômeno estritamente lingüístico obedece a dois grandes modelos a saber, o comparatista ou de substituição e o interacional. Segue resumo do estudo de Coracini (1990) sobre este ponto:

De acordo com o modelo comparatista ou de substituição, a metáfora diz respeito a uma palavra isolada e todas as palavras de uma língua teriam dois tipos de sentido, um literal e o outro figurado. Desta forma para a sua compreensão seria necessário que o leitor/ouvinte substituísse o termo figurado pelo literal.

Aplicando este modelo ao exemplo apresentado teríamos: "flor" deveria ser substituído por "singela" e se referiria a mesma entidade, no caso "moça". A substituição neste caso baseia-se em

uma relação de semelhança, onde o termo substituído corresponde à imagem do termo mencionado. O que ocorre então é uma equivalência cognitiva, já que o sentido pretendido é o mesmo.

Porém de acordo com o modelo interacional, a metáfora não estaria restrita a uma palavra, mas sim assumiria um valor significativo em um enunciado. Nesta concepção, as palavras não teriam um sentido próprio definido, a definição de seu sentido seria sempre contextual, por serem as palavras polissêmicas por natureza.

Para sua compreensão ao invés de uma substituição seria necessário uma interação. Esta interação ocorreria não entre o termo figurado o termo literal, mas sim, entre o termo metafórico e os demais termos do enunciado. Ao invés de supor uma relação entre "X" e "Y", neste modelo a metáfora cria esta relação, pois as instâncias enunciativas é que são responsáveis pela produção e compreensão do sentido figurado.

Nesta segunda aceção a metáfora teria um valor emotivo, descritivo e cognitivo, uma vez que as relações estabelecidas entre "X" e "Y" podem alterar a visão do mundo dos interlocutores, na medida em que podem realizar certas alterações na categorização da experiência (p. 134-136).

O modelo interativo, por sua vez, apresenta uma abordagem mais pragmática da metáfora, o que nos leva a pensar em uma semântica mais subjetiva que extrapole o nível puramente lingüístico, ao invés de uma semântica com ideais de objetividade e rigor formal como por exemplo a análise componencial dos *semas*.

Uma reflexão centrada no leitor e nas estratégias de compreensão por ele utilizadas é o que encontramos em Orthony (1980). Segundo este autor o leitor/ouvinte recorre à interpretação figurada sempre que a interpretação literal não corresponder ao contexto ou à situação. Isto nos leva a relacionar a compreensão das metáforas com os fatores pragmáticos da textualidade, no caso a aceitabilidade, que é o princípio segundo o qual o texto deve ter sentido e o leitor/ouvinte esforça-se para alcançá-lo. Portanto, podemos dizer que é a necessidade de estabelecer coerência que propicia a interpretação de enunciados aparentemente desconexos do ponto de vista estritamente lingüístico, do tipo: "Meu chefe é um cavalo".

Tratar a metáfora como fenômeno discursivo é também encará-la como estratégia argumentativa, uma vez que ela pode ser mais um recurso para conseguir a adesão do interlocutor.

O modelo que mais atende aos propósitos deste estudo entretanto, é o proposto por Lakoff e Johnson (1980) em sua clássica obra *Metaphors we live by*, de acordo com eles a metáfora constitui um procedimento de raciocínio pois nosso sistema conceitual or-

<sup>1</sup> O livro didático e o processo de letramento. Dissertação de Mestrado. UFSC 1995.

dinário, em termos do que pensamos e agimos, é metafórico por natureza.

Nesta acepção a metáfora preexistiria à expressão linguística e desse modo compreendê-la seria equivalente a compreender o próprio modo de pensar e agir que é inerente ao homem. Uma análise do tipo interativa só seria possível no âmbito concreto do texto. Para Lakoff e Johnson, a metáfora linguística só é possível porque há metáforas no sistema conceitual humano. Para eles a essência da metáfora é compreender e experimentar um tipo de coisas em lugar de outro. Afirmam ainda que o mais importante é que a metáfora não diz respeito apenas à linguagem mas, ao contrário, os processos do pensamento humano é que são amplamente metafóricos.

Coracini (1990) que postula que o mesmo conceito pode ou não ser interpretado como metafórico dependendo do plano da manifestação linguística, que dependeria diretamente das condições de produção e de interpretação do discurso. Isto equivale a dizer que o grau de metaforicidade dependeria da comunidade interpretativa. Assim, uma expressão que para um cientista nada tenha de figurado como "envelhecimento da raiz", por exemplo, para o leigo poderia causar certa surpresa e apresentar-se como metafórica.

Dentre os estudos semânticos podemos destacar aqueles desenvolvidos por pesquisadores interessados em investigar a relação entre os signos e seus significados quando não se trata do sentido literal como por exemplo Lakoff e Johnson (1980), Searle (1979), Ricoeur (1983), Sacks (org., 1992), Rumelhart (1979) e outros.

Entramos aí no terreno da metáfora e com base nas considerações anteriores, tornou-se relevante verificar como um indivíduo que não tivesse o português como língua materna, porém que já fosse adulto e letrado, compreenderia e produziria enunciados metafóricos em português.

As questões de particular interesse para o desenvolvimento da pesquisa eram: De que pistas ele se valeria? Qual o real papel do contexto na compreensão do sinal linguístico? Seria preciso um conhecimento prévio das metáforas de uma língua para compreendê-las? De que estratégias ele se utilizaria para a produção? Qual seria o papel da tradução? Como o leitor/ouvinte percebe que deve interpretar um enunciado metaforicamente?

Abaixo os enunciados que ele deveria interpretar.

1. Não investirei mais um centavo nessa obra, pois já se transformou em um *elefante branco*.  
s: Não vou gastar mais com essa obra absurda. Na Grécia usa-se esta expressão com *cavalo verde*.

2. Trabalho entre *serpentes*.  
s: No meu trabalho há pessoas venenosas.
3. Já comecei o mês no *vermelho*.  
s: Estou devendo dinheiro a alguém.
4. Esta represa será construída com o suor do meu rosto.  
s: Esta represa será construída com o meu esforço, trabalho.
5. Na semana passada deu o maior *quebra-pau* no Congresso Nacional.  
s: Houve desentendimento no Congresso Nacional.
6. Se até o dia vinte eu não receber meu salário vou virar uma *onça*.  
s: Vou ficar muito nervoso, ou furioso.
7. Meu chefe é um *cavalo*.  
s: Meu chefe não é um bom sujeito.
8. Chegou a hora de botarmos os *pingos nos is*.  
s: Não sei o que significa.
9. Este sorriso é *combustível* para o meu trabalho.  
s: Dá força para o meu trabalho.
10. Estou a fim de uma *loura gelada*.  
s: Não sei o que significa.

Feito isso ele deveria empregar as expressões abaixo em enunciados por ele criados. Cabe lembrar que o sujeito foi alertado de que se tratava de sentido metafórico.

1. Cair do cavalo  
s: Não sei fazer metáfora com isso.
2. Escrito com h maiúsculo  
s: Os gregos são homens com h maiúsculo.
3. Abrir uma janela  
s: Não sei, talvez uma abertura.
4. Chega de meias palavras.  
s: A professora não foi clara porque falou meias palavras.
5. Há um hiato  
s: Não sei o que significa.
6. Tirar de letra  
s: Se eu copiar exatamente como é vou tirar de letra.
7. Vou dançar  
s: Se dançar posso me dar mal.
8. Ponto final  
s: Vou colocar um ponto final nesta história.
9. Estou frito  
s: Não sei como usar isso.
10. Abrir parêntese.  
s: Vou interromper a conversa e abrir um parêntese.

As expressões nas quais o sujeito não foi bem sucedido foram novamente apresentados, desta vez com enunciados para serem interpretados e o sujeito então demonstrou ter compreendido o sentido metafórico. Isto reforça a hipótese de que a capacidade de produção é sempre menor do que a de compreensão, além disso, o tempo gasto para a produção foi muito maior do que o gasto para a compreensão.

Após a análise dos dados foi possível chegar a algumas conclusões sobre o processo de compreensão das metáforas por falantes não nativos.

- A relação entre aquisição e aprendizagem na compreensão de metáforas é de interdependência pois, embora a compreensão seja possível devido à assimilação natural dos conteúdos metafóricos, decorrentes principalmente da exposição freqüente a contextos lingüísticos nos quais estes conteúdos apareçam. Também é possível estar a compreensão baseada na aprendizagem sistemática do significado das metáforas apresentadas.
- A pista acústica desempenha um papel importante na compreensão de enunciados metafóricos, uma vez que a entonação, a pauta acentual e os demais fatores supra segmentais são suficientes para a identificação de pergunta, dúvida, lamento, euforia, admiração ou espanto por exemplo. Entretanto quando se trata do sinal escrito o contexto lingüístico é que ocupa papel central no processo de compreensão. Não é uma palavra que deve ser compreendida, mas sim todo o enunciado que a envolve
- O fator preponderante para a compreensão de metáforas é o contexto no qual ela se insere, tanto lingüístico, quanto extralingüístico. Sendo a situação comunicativa tão importante que é capaz de superar até desconhecimento do léxico.
- O conhecimento prévio das metáforas de uma língua é perfeitamente indispensável, sendo mais importante a consciência de que o sentido metafórico é um universal lingüístico. O falante utilizará as mesmas estratégias que usa em língua materna para compreender metáforas em uma língua estrangeira. Ou seja: irá descontextualizar a expressão metafórica, atribuir-lhe significado e recontextualizar seu sentido no enunciado proposto.
- A produção de enunciados metafóricos em língua estrangeira é feita com menos segurança do que se fosse em língua materna e o processo é o similar ao efetuado para a compreensão descontextualização/recontextualização. Em geral, ao produzir

uma metáfora em língua estrangeira o falante procura certificar-se de que é possível a atribuição do significado por ele pretendido naquela língua: "Se diz isso em português?"

- Para o falante não nativo o papel da tradução é muito relevante, pois são muito fortes os laços que mantém com sua língua materna, o que faz com que ele no início pense primeiro em sua língua e depois procure fazer a tradução antes de se manifestar. Com relação às metáforas, o falante procurava sempre um significado similar em sua língua para julgar aceitável ou não o que lhe era apresentado.

### Referências bibliográficas

- CORACINI, Maria José. *Um fazer persuasivo*. São Paulo: Pontes, 1991.
- DAVIDSON, Donald. O que as metáforas significam. In: SACKS, Sheldon (org.) *Da metáfora*. São Paulo: Pontes, 1992
- FRASER, B. The interpretation of novel metaphors. In: ORTONY, A. (ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 92-123
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE e MORGAN, L. *Syntax and semantics*. Speech Acts, Academic Press, 1975, v. 3, p. 41-58.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MONTEIRO, Rosemeire Selma. *O livro didático e o processo de letramento*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1995.
- ORTONY, A. The role of similarity in smiles and metaphors. In: ORTONY, A. (ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 92-123.
- PONTES, Eunice. *A metáfora*. Campinas: Unicamp, 1990.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Coimbra: Rê, 1977.
- SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 92-123.